

Azevedo Marques (*)

J. J. Cardozo de Melo Neto

Reunida em torno do corpo do professor emérito JOSÉ MANUEL DE AZEVEDO MARQUES, cumpre a Faculdade de Direito de São Paulo o doloroso dever de despedir-se de um colega que honrou a nossa Casa, pelo brilho que deu à cátedra, pelo ordenado saber que distribuiu a mancheias a seus discípulos, pela rara elegância de maneiras e atitudes e, por sôbre tudo, pelo culto do Direito que nele foi permanente, ativo e construtor.

Porque em todas as atividades públicas que exerceu — magistrado, legislador, ministro d'Estado, professor e advogado, AZEVEDO MARQUES foi sempre o mesmo homem, cultuou o mesmo ideal, percorreu o mesmo caminho, sem desvios, nem atalhos.

Foi bem o homem que traça para si uma norma de conduta e dela se não afasta, surdo às exteriores injunções.

Suave e empregante no traço, não foi jamais fraco nas atitudes, se o dever se impunha. Principalmente quando um direito periclitava, porque aí se revelava, nítida, a vocação de sua vida: a defesa do Direito que ele distribuiu, que plasmou, que pregou, que ensinou, que sempre procurou fazer prevalecer.

Seus companheiros e discípulos, aqui estamos todos, não para chorá-lo, — (não fôra por certo esta a atitude que de

(*) Discurso proferido à beira do túmulo do prof. J. M. Azevedo Marques, por ocasião do seu sepultamento, a 25 de maio de 1943.

nós preferiria), mas para envolver a saudade da sua figura varonil e fidalga com a promessa, ora selada, de que — dentro do novo Convento de São Francisco as vozes do passado hão-de continuar a orar aos ouvidos daqueles a quem o destino descarregou sôbre os hombros a responsabilidade impar de guiar uma mocidade chamada a construir um mundo novo, que valha a pena de ser vivido.

Companheiro querido: viverás perenemente na memória e no culto da Academia, porque viveste dignamente a vida.